

## CAPITULO IX

### A EXPRESSÃO VERBAL

Phase de interesse glossico. Origem e evolução da linguagem infantil. A linguagem egocêntrica e a linguagem socializada. O mecanismo neuro-muscular da linguagem. O grito. O balbucio: a fonética infantil. A função da imitação e do jogo. A palavra: a compreensão e a denominação. A phrase: estrutura condensada, estrutura aglomerada e estrutura lógica. O vocabulário infantil. Referências bibliográficas. Resumo. Vocabulário.

### Phase de interesse glossico.

Com o aprendizado dos movimentos da apreensão e da marcha não tem concluído a criança as suas aquisições motrizes. As possibilidades de dominio sobre o mundo exterior ainda se acham restrictas ao espaço abrangido pelos movimentos e pelos sentidos quando a criança adquire novo mecanismo motriz, com o qual alarga e aprofunda aquelle dominio. Entre 2 e 3 annos desenvolve-se de maneira surpreendente o aprendizado da linguagem articulada, graças a um subito desembaraço dos mecanismos neuro-musculares que o condicionam — é a ultima etapa das aquisições motrizes. Mas é preciso considerar que a linguagem não é apenas um mecanismo motriz; envolve igualmente processos mentaes mais ou menos contemporaneos da articulação das palavras.

O periodo culminante desse desenvolvimento se acha compreendido entre aquelles annos — periodo denominado do interesse glossico; este periodo é entretanto precedido de uma larga preparação. Desde os primeiros mezes que a criança ensaia por meio do grito e do balbucio fazer-se comprehender — sair dos estados puramente affectivos; e durante toda a segunda infancia a linguagem continúa a desenvolver-se até adquirir a sua função completa dentro do grupo social. Mas é durante aquelle curto periodo que os psychologos chamam do interesse glossico, que a linguagem culmina pela sua rapida expansão. A energia da criança parece quase exclusivamente concentrada nesta nova aquisição, de uma importancia capital para o desenvolvimento dos processos mentaes e para a adaptação do individuo ao meio social em que tem de viver.

Como é nosso proposito estudar sobretudo a conducta infantil sob os seus aspectos mais variados, a linguagem será tratada como uma forma de expressão, ao lado de outras formas igualmente typicas e importantes — a expressão graphica e a expressão ludica.

### Origem e evolução da linguagem infantil.

A linguagem no seu ponto de partida tem sido objecto de interminaveis controversias entre *nativistas* e *empiristas*. Para os primeiros a linguagem é considerada como uma capacidade innata — instrumento de origem espontanea dependente da organização hereditaria, patrimonio commum da humanidade. Esse caracter instinctivo da linguagem é negado pelos segundos, para os quaes a linguagem é uma pura aquisição das primeiras idades, sujeita a influencias variaveis do meio e da imitação. Entre as duas theorias ha lugar para uma intermediaria — a que considera a linguagem como uma actividade instinctiva naquillo que diz respeito á necessidade de exprimir-se o individuo, mas sujeita ao mesmo tempo ás influencias do meio social. O conteúdo da linguagem — as estruturas verbaes estariam subordinadas á capacidade de imitação ainda fraca da criança e dahi ter a sua linguagem caractéres especiaes que lentamente hão de se modificar tendendo para o padrão do grupo social.

Antes de estudarmos particularmente cada etapa de desenvolvimento da linguagem, desde o seu esboço inicial com o grito, até a organização grammatical da phrase, passaremos em revista os caractéres mais sensiveis desse mesmo desenvolvimento.

Considerando a linguagem a partir do momento em que a criança emprega as primeiras palavras, podemos notar um rapido progresso como se houvesse um imprevisto desembaraço dos mecanismos neuro-musculares. A articulação das palavras tende então a aproximar-se cada vez mais em precisão e clareza da elocução adulta. A principio a criança emite apenas palavras isoladas como manifestação de desejos e de acção — palavras que persistem as mesmas durante um certo

tempo. A interpretação exacta dessas palavras destacadas é que ellas não significam individualmente objectos ou sêres, mas phrases syntheticas com um só vocabulo — *phrases univocabulares*, conforme a expressão de Koffka (1). Com pouco tempo, a criança começa a surpreender as pessôas da familia com o emprego de innumeradas palavras novas, para exprimir situações que até então não conhecera. Esse progresso é acompanhado de uma descoberta da criança, de grande importancia no processo evolutivo da linguagem: é a descoberta de que as cousas teem um nome. Dahi por diante a criança não se fatiga em indagar como as cousas se denominam. *Que é isto ?* — é a pergunta constante que ella tem para toda novidade. A phrase univocabular se transforma em plurivocabular e seu conteúdo em logar de ser condensado, exprimindo sobretudo reacções emotivas e motrizes, passa a significar cousas por meio de substantivos. Constitue esta transformação um momento decisivo da linguagem infantil. A linguagem de emocional que era, modifica-se em conceitual. Segundo Koffka as cousas devem ter uma existencia como estrutura anterior á sua denominação, mas os nomes concorrem para maior precisão das *cousas*. Gradativamente as phrases plurivocabulares vão se tornado mais complexas com a intromissão de termos que significam as acções, as relações de causalidade, de fim, etc. A phrase tende a se organizar grammaticalmente a serviço das exigencias de communicação da collectividade.

#### A linguagem egocentrica e a linguagem socializada.

Acompanhando de perto as conversações entre crianças, chegou J. Piaget á conclusão de que a linguagem infantil não é apenas usada como uma necessidade de communicação (2). Stern e Meumann já haviam observado que os nomes empregados a principio pela criança não significam conceitos, mas exprimem ordens e desejos. Estas expressões poderão parecer aos adultos com um significado conceitual, mas na realidade ellas teem um valor puramente affectivo, muitas vezes quase magico. Por isso, affirma Piaget, que antes de ser um instrumento de socialização, a linguagem é uma manifestação do egocentrismo infantil (3).

Na phase da linguagem egocentrica a criança não se preocupa em se fazer entendida, nem mesmo se uma outra pessoa a escutar. “Fala — affirma Piaget — ás vezes para si mesma, ás vezes pelo prazer de associar a quem quer que seja a sua acção immediata” (4) Na verdade não pode ter outra denominação senão egocentrica a linguagem que é usada pela criança a falar a si propria, sem procurar situar-se no ponto de vista de outrem. Como que a criança permanece fechada dentro do seu mundo que não vae alem dos interesses immediatos. As palavras que emprega, de sentido vago e aparentemente illogicas, identificam-se perfeitamente com as acções que exprimem e valem como satisfação dessa mesma necessidade de movimentos, independentes de qualquer compreensão alheia. Do mesmo modo a intervenção do pensamento alheio não chega a modificar o curso de suas expressões verbaes, visto como este curso representa o seu proprio impulso de agir. O seguinte dialogo entre duas crianças de quase 3 annos prova o caracter egocentrico de sua linguagem:

M — Agora vou brincar de automovel — (E puxou a cadeira).

Z — Ahi é a boneca.

M — Boto aqui este negocio aqui dentro (Era uma lata).

Z — A boneca está dormindo.

M — Sae Z.; o automovel vae correr. (E foi interrompida pela ama que a levou para o banho).

Cada phrase vale pela acção que ella inicia immediatamente. Nenhuma das duas crianças parecia ouvir o que dizia a outra; ambas agiam independentemente, sendo apenas interrompidas quando uma embaraçava a acção da outra.

A pouco e pouco, a criança vae se desprendendo do seu egocentrismo e a phrase passa a ser articulada em virtude do conflicto dos interesses ou do ponto de vista contrario. O interlocutor é neste caso um ponto de referencia. Quer assentindo, quer contrariando, a criança fala para communicar o que pensa ou o que vae fazer. O dialogo torna-se possivel pela permuta de proposições que teem um nexu, como pergun-

ta e resposta, como ordem dada e obedecida, como ameaça e defesa, etc. É a linguagem socializada.

A linguagem egocentrica offerece, segundo Piaget, varias modalidades: a repetição (vestigio do balbucio), o monologo, e o monologo a dois ou colectivo (sem preocupação de se fazerem compreender). Igualmente a linguagem socializada compreende varios typos: a critica (discussão em que uma criança procura affirmar uma superioridade), a ordem e a ameaça (influencia da palavra de uma criança sobre a conducta de outra), a pergunta e a resposta (dialogo em que as crianças se entendem) (5). Vemos por esses varios typos de linguagem uma differença capital entre as duas phases — a egocentrica e a socializada. Notamos ainda que não ha limites definidos entre ellas. A socialização faz-se a custa de uma adaptação lenta, persistindo por muito tempo os vestigios do egocentrismo absorvente.

#### O mecanismo neuro-muscular da linguagem.

O funcionamento da linguagem exige necessariamente uma organização neuro-muscular que se acha ainda muito longe de ser sufficientemente esclarecida. A investigação de uma possivel localização de centros da linguagem tem sido tentada por meio do methodo pathologico, isto é, são as doenças da linguagem que teem levado physiologistas e psychiatras a fixar os mecanismos psycho-physiologicos da palavra. Desde os primeiros estudos da *aphasia* feitos por Broca até as recentes pesquisas de Head, Pieron e Henschen que o problema da localização dos centros da linguagem espera solução.

Segundo a classica concepção ha duas grandes regiões que presidem as funções da linguagem: uma bulbar que se encarrega dos movimentos respiratorios; e uma cortical, no hemispherio esquerdo, em que se encontram os centros da palavra. O centro da *expressão* estaria localizado ao nivel da 3.<sup>a</sup> circumvolução frontal — centro de Broca, segundo uns, e na zona lenticular, segundo outros. O centro da *compreensão* estaria situado na zona de Wernicke e se dividiria em dois: o da *linguagem falada* ou das *imagens auditivas*, ao nivel da 1.<sup>a</sup>

circumvolução temporal; e o da *linguagem escripta* ou das *imagens visuaes*, ao nivel da prega curva. Estas localizações tem sido controvertidas. Segundo a theoria de Head os centros cerebraes são apenas centros de *coordenação* e não de funções especializadas. De maneira geral admite certas zonas que participam do mecanismo da linguagem, mas essas zonas não podem ainda ser localizadas com exactidão (6). Entretanto, segundo as mais recentes investigações pode-se considerar que a zona de Wernicke — metade posterior das duas primeiras circumvoluções temporaes e a prega curva — desempenha papel importante na compreensão dos symbolos da linguagem, emquanto que a parte anterior, de limites ainda pouco precisos, exerce uma função especial no processo de evocação das imagens verbaes.

A natureza e o numero de imagens verbaes é outro problema discutido. Tem-se admittido modernamente a existencia de imagens auditivas e visuaes, visto como são as imagens dos objectos associadas ás lembranças auditivas e visuaes das palavras que permittem a compreensão. Quanto ás imagens motrizes negam os autores modernos a sua existencia. Não ha evocações dos movimentos necessarios á articulação, mas simples mecanismos motrizes fixados graças ao habito. Em logar de imagens motrizes devemos então admittir habitos de articulação dos sons. Esses movimentos de articulação produzem sons de duas categorias— os sons *puros*, que são produzidos pela passagem do ar nas cordas vocaes; e os sons *modificados* que são produzidos em niveis differentes dos orgãos chamados articuladores — bocca e fossas nasaes. Para que as vogaes sejam emittidas é preciso que a bocca funcione como uma verdadeira caixa de resonancia, óra alongando-se, óra retraindo-se. As consoantes formam-se graças a movimentos especiaes, da pharynge, da lingua e dos labios.

### O grito.

A primeira manifestação vocal da criança é o *grito*. A entrada subita do ar nos pulmões provoca logo ao inicio da vida a emissão de sons confusos — é o grito que dá indicio de

vida. E' um acto puramente reflexo sem nenhuma relação com as necessidades primordiales — inteiramente despido de significação symbolica. Compayré referindo-se ás primeiras manifestações vocaes nesta época, caracteriza-as pela sua espontaneidade e pela ausencia de sentido (7).

Podemos notar nos dois primeiros mezes da vida uma certa evolução do grito. Iniciando-se como um reflexo respiratorio, cêdo passa a exprimir necessidades e estados affectivos elementares. A fome, o mal-estar, a dôr e o prazer são revelados por meio de gritos. Em seguida o grito se tornará uma especie de jogo, sobretudo por occasião dos estados de satisfação organica: os grunhidos, os chilreados, os grasnados são expressões vocaes frequentes na criança nova. Por fim o grito é utilizado intencionalmente como uma reacção de sentido definido. O aspecto symbolico do grito decorre de uma experiencia adquirida pela criança. Logo ella nota uma relação entre os seus gritos e o effeito que produz: as suas necessidades são sempre satisfeitas em consequencia da sua vocalização; dahi por deante gritará para obter os mesmos effeitos, graças a uma especie de consciencia da utilidade dos mesmos. As pessoas familiares com facilidade sabem distinguir as diferentes variantes que o grito pode ter segundo as situações: grito de fome, grito de dôr, grito de somno, etc. É a opinião de Bühler (8).

Preyer conseguiu classificar os diferentes sons emittidos nesta época; são numerosos e de difficil representação. Alguns desses sons são tão estranhos que impossivel se torna a sua classificação entre as linguas humanas (9). Aos poucos a criança irá se fixando em determinados sons emquanto os estranhos desaparecerão por completo; ella perderá o que Preyer denomina o *delirio lingual* para definir a extraordinaria plasticidade vocal dos primeiros tempos.

O grito tem sido objecto de attenção dos que procuram esclarecer as origens da linguagem humana. Dos gritos iniciaes, significando necessidades, desejos de acção, emoções elementares, etc. resultaria, por etapas successivas, o apparecimento da linguagem conceitual. Assim, empregado a princi-



pio como um meio rudimentar de expressão, o grito ganharia um valor symbolico por imposição da vida collectiva. A riqueza em sons difficeis das linguas primitivas seria uma comprovação de que ellas nasceram da transformação dos gritos fundamentaes. E' acceitavel semelhante hypothese?

### O balbucio: a phonetica infantil.

Entre 2 e 3 mezes as expressões vocaes da criança apresentam caractéres differentes. Observa-se uma tendencia accentuada para a articulação cada vez mais precisa de sons. Diz Delacroix que do grito a criança chega á linguagem por tres vias: o *balbucio*, que é uma emissão phonetica espontanea, a *imitação mecanica*, sob a dependencia do meio, e a *compreensão das situações*, que é o conhecimento do valor symbolico das palavras (10). Desperta e entregue a si mesma, ou manipulando objectos, a criança emite sons sem nenhuma significação como elementos conceituaes. É um constante balbuciar que apenas traduz um estado particular de satisfação organica ou uma especie de reforço dos movimentos executados com as mãos. Por isso é que Bühler define o balbucio como vozes que se produzem por occasião das situações agradaveis em series sem fim (11). A criança parece utilizar essas vozes em brinquedo, á semelhança do que acontece com os seus proprios movimentos.

Qual a função do balbucio? Os autores tem procurado dar uma interpretação dessa repetição aparentemente inutil de sons. Julgam uns que se trata apenas de um exercicio dos órgãos vocaes — uma preparação que permite um aperfeiçoamento organico e uma maior possibilidade das aquisições futuras. Outros, entretanto, consideram o balbucio como uma simples exteriorização do equilibrio funcional: a criança balbucia para manifestar uma satisfação especial das suas necessidades elementares. Mas o facto é que ella não balbucia somente quando se encontra nessa situação de prazer physico. Ella tambem balbucia e talvez mais ainda quando tem nas mãos o sapato ou qualquer outro objecto. Por isso é mais razoavel que o balbucio seja ao mesmo tempo uma manifesta-

ção de character affectivo e uma necessidade de expansão motriz tão imperiosa quanto os proprios movimentos dos membros.

Segundo Preyer, durante alguns mezes a criança permanece em relação á linguagem num estado puramente *receptivo* que precede a utilização das palavras com um significado proprio. Um seu filho aos 18 mezes era capaz de obedecer a ordens simples, de voltar a cabeça quando ouvia o seu nome, mas não sabia servir-se por si mesma de sons como um meio expressivo de seus proprios desejos (12). Na realidade a criança começa a compreender as pessôas em torno, antes de interpretar as suas palavras. Ainda é preciso notar que muitas vezes as palavras ouvidas teem um significado para a criança não pelo valor intrinseco, mas pela entonação ou pelos gestos ou mimica da pessôa que as pronuncia. A interpretação da entonação e das attitudes é muito precoce. A criança que deseja apanhar um certo objecto, ao ouvir a expressão *pega!* — dita de uma certa maneira, como ameaça, immediatamente recuará. Vê-se que não é a palavra em si que possui valor symbolico, mas a inflexão com que é articulada.

Se analysarmos os sons empregados pela criança nesta época, ficamos surpreendidos com o seu numero e a sua natureza. Elles ultrapassam as vozes usadas em todas as linguas humanas. Affirma Delacroix que essa extraordinaria plasticidade do balbucio é uma necessidade nesta época da vida: permite-lhe um grande poder de assimilação de qualquer lingua, por influencia do meio social (13). Não é uma interpretação satisfactoria esta que Delacroix dá á variedade e complexidade dos phonemas do balbucio. Os sons estranhos e difficeis que a criança emite em nada favorecem as acquisições posteriores; esses sons são em certo momento esquecidos conforme observa Pavlovitch e mais tarde quando surge a necessidade de readquiri-los notamos o esforço e as tentativas para a sua correcta articulação (14). Não é a mesma coisa articular por brinquedo — affirma Jespersen — e articular no momento opportuno. É o que acontecé por exemplo com as consoantes gutturaes e palataes — o R, o LH e o S são as consoantes mais difficeis de articular. Ha uma tendencia gene-

realizada para abrandar o R forte ou mesmo para omittí-lo completamente: *paia* (para), *paiêde* (parêde); igualmente o LH é omittido ou transformado em L: *mio* ou *milo* (milho), *fiu* ou *filo* (filho); quanto ao S, é substituído frequentemente por T: *tapato* (sapato), *patar* (passar). Em que foram uteis os phonemas difficeis do primeiro momento no apprendizado posterior? A explicação de Delacroix carece de fundamento.

A phonetica infantil offerece particularidades de grande interesse para o estudo da evolução da lingua. Emquanto o grito é monotono, pois nelle predominam sobretudo as vogaes abertas (Bühler), o balbucio apresenta modalidades de phonemas que surpreendem qualquer observador. Entre as vozes inciaes salientam-se as vogaes que permittem uma abertura accentuada da bocca — o A e o E. Talvez sejam os movimentos predominantes no chôro os que persistem na emissão dos gritos. Durante muito tempo a vogal A tem um relevo extraordinario na formação dos grupos syllabicos que a criança costuma repetir: *ma-ma, da-da, pa-pa, la-la, ta-ta*. Não é rara a combinação desses sons com outros indefinidos que se assemelham a sopros e aspirações mais ou menos simultaneos com os movimentos respiratorios. Dahi a facilidade com que ella articula os sons gutturaes, de preferencia os que se aproximam do R gargarejado ou raspante. As outras vogaes vão apparecendo, segundo certos autores, de accordo com uma ordem chronologica; o I, o U e o O. Mas nem sempre se observa essa ordem rigorosa; a vogal I, por exemplo, surge frequentemente nas primeiras combinações syllabicas.

As vogaes são quase sempre acompanhadas de consoantes. Estas vão surgindo segundo uma ordem em correspondencia com o seu grau de complexidade. De accordo com a observação geral as consoantes labiaes são as mais communs: o B, o M e o P apparecem sempre em combinação com a vogal A. Segundo Jespersen as labiaes são as que primeiro a criança consegue emittir porque a sua articulação exige movimentos muito semelhantes aos de sucção (15). Na realidade a sucção requer a aproximação constante dos labios. Grammont tem uma explicação differente quando affirma que a criança na sua imitação inconsciente procura reproduzir os phonemas

que requerem movimentos bem visiveis dos labios (16). As articulações do primeiro plano são evidentemente as labiaes. Quase contemporaneamente a criança emite as consoantes dentaes — o D, o T e o N. Com os primeiros dentes é que essas consoantes são articuladas com correcção. As combinações dessas consoantes com as vogaes A e E são muito repetidas.

A respeito da ordem de apparecimento das vozes articuladas, Grammont tem uma opinião que não parece corresponder aos factos. Diz este autor que a criança exercita seus órgãos vocaes produzindo de preferencia sons que lhe proporcionam ao mesmo tempo sensações auditivas e tacto-motrices bastante intensas: assim os phonemas que dependem de uma articulação posterior, isto é, os guturaes são os mais precoces (17). O que observamos é exactamente o contrario: o R e o G fortes são consoantes que a criança aprende a reproduzir muito tarde. Igualmente as velo-palataes dependem de um exercicio muito demorado.

Haverá alguma preferencia na combinação das syllabas que a criança reduplica constantemente? Pavlovitch suggere uma especialização affectiva na combinação dos phonemas — o que seria uma forma elementar do valor da linguagem. Assim, os grupos formados com a vogal A exprimiria alegria (18). Stern nota que um grande numero de phonemas significativos da linguagem infantil provem do balbucio. Esses grupos persistem na linguagem adulta com a mesma significação affectiva (19). Os nomes proprios construidos pela reduplicação de uma só syllaba são vestigios da linguagem infantil: *Jojó, Didí, Mimí, Babá, etc.*

× O phenomeno da *reduplicação* é um principio geral na formação dos grupos vocaes dos primeiros mezes. De uma palavra ouvida, a criança aproveita uma syllaba, ás vezes apenas uma vogal. A repetição deste som uma ou duas vezes constitue a palavra designativa: assim, *pe-peu* (chapeu), *ti-ti* (vestido), *dê-dê* (cadeira). Mesmo mais tarde ha uma tendencia para suppressão de phonemas de difficil articulação. O curioso é a repetição indefinida desses sons — *lalação* — sem nenhum proposito de denominação. Por isso é que Gaupp

chama phase do *papagaio* a esse momento da evolução da linguagem infantil. A phonetica da criança é regida pela lei da *simplicidade* e pela lei do *menor esforço*. Pela primeira é regulado o phenomeno da escolha dos sons: tanto mais cedo um som é emittido, quanto mais simples é elle para a criança; pela segunda, o phenomeno da reduplicação dos sons e da omissão dos phenomenos complexos.

### **A função da imitação e do jôgo.**

O material que a criança vae adquirindo durante o periodo do balbucio depende de influencias exteriores. Graças á imitação e ao jôgo, a pronunciação tende a ser cada vez mais correcta. As impressões auditivas acabam despertando as innervações necessarias á articulação: esta associação se acha na base do phenomeno de imitação da linguagem — phenomeno aliás que é um caso particular da tendencia imitativa da criança.

De começo a criança imita a si propria: os phonemas iniciaes são repetidos um sem numero de vezes — especie de jôgo necessario ao desenvolvimento dos orgãos vocaes. Desde 4 a 5 mezes ella se torna echo de si mesma. Mais tarde ella passa a imitar as demais pessoas. A imitação de estranhos é feita por ensaios frustrados e equivocos constantes. Commumente a criança supprime ou intercala sons, tornando as palavras quase inintelligiveis. Varios motivos determinam essas difficuldades de imitar rapida e correctamente as palavras pronunciadas por pessoas estranhas. Em primeiro lugar devemos assignalar a deficiencia de desenvolvimento dos orgãos de articulação; depois a fraca attenção que a criança dá aos elementos das palavras; e ainda a falta de impressões motrizes na articulação — impressões que são a base de toda imitação.

A articulação é precedida de um periodo de armazenamento de impressões auditivas. Muitos autores, como Grammont, Pavlovitch, Ronjat, etc. são partidarios de que as sensações visuaes exercem um papel preponderante na imitação; mas a verdade é que os surdos de nascimento sempre terão

uma linguagem deficiente, enquanto que os cegos adquirem normalmente a linguagem — o que prova que as impressões auditivas são de uma importancia capital na formação dos mecanismos de pronunciação.

Para Delacroix ha um periodo de armazenamento e outro de exteriorização, desempenhando as imagens auditivas uma função fundamental no desenvolvimento dos habitos articulares. Dahi a possibilidade de uma compreensão antes de ser possível a elocução precisa das palavras. X Entre as aquisições por imitação, tem relevo as *onomatopéas*, isto é, vozes imitadas da natureza ou impostas pela tradição familiar. São communs as designações de animaes pelas suas vozes: o *miau* (gato), o *au-au* (cão); assim como denominação de objectos pelos sons que produzem: *fon-fon* (automovel), *den-den* (igreja), etc. As imitações depois se estendem ás palavras usuaes: um grande acervo de vocabulos, dentro em breve possui a criança, sem que, entretanto, conheça o significado exacto ou mesmo aproximado desses vocabulos. X Dahi dizer-se que neste momento a criança possui mais palavras do que idéas.

Questão debatida é a capacidade que possui a criança para inventar palavras. Taine e Compayré admittem a invenção de palavras na criança de certa idade. Este ultimo autor diz que suppondo a linguagem formada de dois elementos, um symbolico A e uma significação intellectual B, a criança pode em certos casos inventar A, em outros imitar A e B e ainda em outros imitar A e inventar B (20). Essa iniciativa verbal da criança é, entretanto, negada modernamente. A criança poderá modificar as palavras, supprimindo ou substituindo os sons, mas nunca inventa-las propriamente. E' a opinião de Bühler.

Se a criança não chega a inventar a estrutura da palavra, pode, comtudo, inventar o seu significado, estende-lo a um certo numero de factos. Segundo o juizo corrente essa mudança de sentido dos vocabulos e sobretudo a sua extensão é o resultado da pobreza vocabular da criança e dahi servir-se de uma palavra para varios usos, assim como da grande facilidade que tem de associar por analogias que muitas vezes escapam ao adulto. Devemos acrescentar que essas associa-

ções se formam innumeradas vezes por uma especie de repercussão affectiva que os objectos e os factos lhe produzem. Dando a uma palavra varios sentidos por associação affectiva, a criança não faz mais do que revelar essa resonancia pessoal que o mundo exterior lhe provoca. É que seu *eu* invade todas as cousas.

A imitação não influe isoladamente na formação dos mecanismos verbaes. Imitando, a criança não cessa de reproduzir; as palavras se tornam um verdadeiro jôgo. Começa esse jôgo muito cêdo, desde o balbucio e continúa durante muito tempo como um exercicio de grande interesse affectivo. Nos jogos individuaes a criança acompanha a propria acção com expressões verbaes: as palavras representam mesmo um reforço da acção ou a acção mesma. Nos jogos collectivos a linguagem desenvolve-se no sentido da sua socialização. Os companheiros de brinquêdo estimulam-se, imitam-se reciprocamente, tornando-se o vocabulario mais adaptado e mais preciso.

#### **A palavra: a compreensão.**

A palavra usada pela criança differe profundamente da do adulto, não só pelo seu aspecto exterior, como pelo seu conteúdo. A forma e o sentido apresentam caractéres particulares. Vimos já como ellas se distinguem quanto ao seu aspecto exterior — as deformações, as substituições, as suppressões de sons são particularidades typicas que só se encontram nas palavras do vocabulario infantil. Mas não são menores as differenças de significado. As reacções da criança em face das palavras articuladas pelas pessôas do seu circulo de relações indicam claramente como ella interpreta o seu significado.

Podemos estabelecer varios estadios na evolução das reacções da criança ao ouvir a linguagem:

- 1 — reacção puramente sensorial;
- 2 — reacção emotiva e motriz; e
- 3 — reacção intellectual.

A criança recém-nascida ao receber as impressões auditivas das palavras reage apenas detendo o curso das demais ex-

citações, sobretudo as cenesthesis. Se está agitada, se está tranquilla a criança revela os seus estados organicos por meio de reacções varias — movimentos, gritos, balbucios, etc. Ouvindo sons articulados por alguém, immediatamente esses sons provocam uma subita reacção de caracter sensorial em substituição ás reacções anteriores. É um effeito sonoro que modifica a situação de equilibrio ou de inquietação precedente. Mas cêdo as palavras ouvidas passam a repercutir na criança de maneira affectiva. Reacções emotivas surgem então como um indicio de satisfação particular. As palavras que a criança ouve acham-se ligadas á pessoa que as pronuncia — pessoa que representa para ella a segurança e o equilibrio de sua vida vegetativa. A criança começa ao mesmo tempo a procurar com os olhos a pessoa que fala e a cumprir as suas ordens; as palavras teem então um sentido mais objectivo: representam ordens, acenos de aproximação, avisos de espera ou de pressa, indicações, exclamações. etc. E' preciso notar que essas palavras vão sempre acompanhadas por gestos, mimica e uma inflexão especial que a criança percebe antes mesmo de comprehender as palavras. Os gestos desempenham uma função communicativa bem notavel e a criança desde cêdo comprehende o seu sentido.

Com a experiencia e o desenvolvimento mental a criança começa a comprehender melhor o significado das palavras ouvidas. É o estadio das reacções intellectuaes. Algum tempo antes de conseguir articular as palavras ella comprehende o valor symbolico dos nomes. Delacroix estabelece dois graus de comprehensão e dois de elocução (21). Ha uma comprehensão que consiste apenas na interpretação dos sons ouvidos pela situação e por actos e uma outra que denomina verdadeiramente intellectual. Da mesma maneira ha uma elocução dos primeiros tempos ou balbucio e uma outra mais correcta por influencia da imitação. Assim, o primeiro grau da elocução é contemporaneo do primeiro grau da comprehensão; mas o segundo grau da comprehensão precede o segundo grau de elocução. A criança durante certo tempo possui uma capacidade de comprehensão maior do que de articulação. Ao terminar o primeiro anno, entretanto, ella começa a pronunciar



palavras significativas. Entre 8 mezes e 1 anno e meio podemos situar a época em que ella é capaz de usá-las com certo desembaraço.

E' preciso acrescentar que a criança attribue ás palavras um sentido todo particular. Geralmente se suppõe que a palavra tem para ella um valor designativo, isto é que *ma-ma* é um vocabulo que significa uma certa pessoa; mas attribuir a cada sêr ou cousa um determinado nome não é a denominação; esta é uma necessidade que a criança não possui nesta época: *ma-ma* exprime o desejo de alimentar-se, de aproximar-se, de dormir ou apenas a alegria de estar com a propria mãe. Este facto de utilizar a criança uma mesma palavra para significar varias cousas pode parecer uma tendencia para ampliar ou generalizar.

Os autores modernos interpretam semelhante valor das palavras infantís como um effeito do syncretismo que domina a mentalidade da criança — syncretismo em virtude do qual ella envolve em “uma apprensão de conjuncto uma confusa synthese”, situações e factos differentes. São como *eschemas* verbaes á semelhança dos *eschemas* graphicos. Se observarmos os differentes casos em que a criança emprega uma mesma expressão envolvendo objectos ou actos com os mesmos relacionados, notaremos que ha alguma cousa de commum para a criança entre todos esses significados. Bühler denomina essa parte commum o *nucleo* da significação das palavras, o qual toma varias extensões ou se adapta ás differentes situações. Durante algum tempo a criança permanece nesse grau de compreensão e de utilização das palavras — isto é, na phase da *palavra-desejo*. Um outro grau lentamente apparece: a phase da *compreensão objectiva*. Então cada palavra passa a ter um significado particular.

#### **A denominação.**

A criança passa do estadio affectivo das palavras ao estadio que Bühler denomina de *intellectualização*, por um processo evolutivo lento. A pouco e pouco as palavras ganham em objectividade e perdem em significação pessoal. A crian-

ça descobre por si que cada cousa tem um nome. Os autores dão uma grande importancia a este momento como um factor de progresso. Ella adquire a função denominativa quando estabelece uma associação entre o objecto e a palavra que o designa e entre a palavra e o objecto significado. Forma-se então uma relação consciente: as palavras são então symbolos das cousas e valem por ellas. Nesta época a pergunta — *que é isto?* — determina um armazenamento de um grande numero de palavras novas. O seu vocabulario progride com palavras exactas e palavras deturpadas do periodo anterior. Muitas crianças costumam empregar para o mesmo objecto dois nomes — o velho e o novo — até que o primeiro cae completamente em desuso. Koffka affirma que a palavra é para a criança uma *propriedade* da cousa. Á maneira do primitivo ella vê nas palavras não symbolos representativos, mas realidades que participam de um sentido magico. Palavra e realidade se substituem perfeitamente tal a identidade que existem entre ellas.

Notamos entre as palavras do vocabulario infantil tres typos differentes: umas são de origem desconhecida e parecem inventadas pela criança — o que repugna a certos autores; outras são aprendidas para representar certos objectos mas são empregadas com uma extensão mais ampla, abrangendo varios objectos ou situações; e ainda outras são constituídas por combinações de palavras já adquiridas anteriormente. Esta capacidade de formação de novas palavras é uma prova de que ellas não são apenas um aspecto exterior de facil associação, mas são propriedades das cousas. Podemos dizer que os objectos impõem á criança a sua propria denominação pelas qualidades objectivas ou subjectivas que a criança aprecia nelles. Da mesma maneira as definições demonstram como as palavras estão ligadas ás cousas como suas propriedades. Por isso é que ella define os objectos pelo seu uso, effeito ou fim. Pouco a pouco a denominação vae se tornando cada vez mais precisa e então cada cousa terá o seu nome particular. Segundo Bühler o principio de constancia da cousa rege o uso dos vocabulos. A variação das situações exteriores tem um limite e conhecido por fim em que as cousas podem permane-

cer constantes dentro dessa mobilidade, estará apta a criança a denominar cada uma dellas.

Até 2 annos de idade as palavras são empregadas sem flexão — uma só forma servirá para exprimir todas as relações que a criança pode descobrir entre as cousas. Os adjectivos são empregados no grau positivo, os verbos na forma infinitiva, nada de plural ou de comparação. Em relação ás conjugações ha uma tendencia extraordinaria para as formas regulares: *eu fazi*; ou as formas da 1.<sup>a</sup> conjugação: *eu comei*, *eu bebei*. A analogia é uma norma na formação grammatical das crianças.

Só aos 2 annos e meio para 3 annos é que ella começa a empregar as terminações. O grau dos adjectivos, as variações verbaes, as relações de posse, de comparação, etc. são uma resultante do conhecimento do effeito das palavras como elementos da phase. Os diminutivos com a terminação *zinho*, os augmentativos em *ão* ou com o emprego de *grande*; os adverbios de quantidade *muito* e *mais* teem um uso frequente. Mas durante muito annos persistem as formas desinenciaes erroneas. As relações grammaticaes vão sendo adquiridas lentamente por influencia do meio em que vive a criança.

#### A phrase: a sua estrutura.

Segundo Delacroix, o apparecimento da phrase não constitue propriamente um facto de importancia psychologica, visto como muito tempo antes de empregar phrases com uma estrutura logica, a criança exprime, por meio de palavras isoladas, intenções e situações complexas (22). Dahi dizer que em certo momento da evolução da linguagem infantil “*a palavra é a phrase*”. Quando a criança diz por exemplo *chapeu*, não exprime com esta palavra uma simples designação, mas uma phrase inteira, relacionada com o desejo presente: *eu quero o chapeu*, *bote o chapeu na minha cabeça*, etc. Podemos dizer que a phrase se inicia sem estrutura. A formação grammatical das phrases exige um lento apprendizado e um amadurecimento do espirito logico do individuo. Por isso diz Bühler que ha na criança um periodo pre-grammatical.

É a palavra isolada, significando uma certa complexidade de situação, uma phrase reduzida a sua mais simples expressão. Aquelles que consideram — diz Bühler — as primeiras palavras significativas que pronuncia a criança justificam a denominação — phrase de uma palavra — por isso mesmo que existe nellas um sentido que muito se aproxima das expressões interjectivas usadas pelo adulto, como *fogo! soccorro!*

Durante o prazo de um anno a criança não emprega outro typo de phrase. É que as suas necessidades são tão simples que não vão além das situações em que se acham as cousas percebidas, isto é, os seus desejos são relacionados com os objectivos que tem deante de si. Na realidade a palavra que a criança emprega synthetiza todas essas differentes relações — o que facilmente poderá ser interpretado. Nenhuma necessidade tem ella até certo tempo de outro meio de expressão. É curiosa a experiencia feita por Major, consistindo em completar e fazer repetir as phrases syntheticas de uma criança — phrases que eram repetidas sem a inflexão necessaria á sua compreensão (23).

Com 1 anno e meio a criança começa a organizar phrases com duas palavras. Constitue essa formação agglomerada um progresso indiscutivel na linguagem infantil. As primeiras phrases — affirma Bloch — são grupos de palavras que se caracterizam pela ausencia de toda expressão de relações (24). Ha apenas uma justaposição sem laço de subordinação ou de dependencia. Bühler admite dois graus na justaposição de dois vocabulos numa só phrase: “pode-se suppor a transição das phrases de uma só palavra ás de duas palavras como um encadeiamento em que entram duas phrases de uma só palavra”. Assim cada uma das duas palavras representa um conteúdo total, ou antes uma significa o todo e a outra uma determinação parcial, — é o primeiro grau. Um outro grau é o da phrase com duas palavras representando uma só situação. Essas phrases são constituídas em geral por dois substantivos ou por um substantivo e um verbo, mas entre ellas não ha nenhuma particula de relação.

A agglomeração de varias palavras numa mesma phrase é feita logo depois. A criança reúne numa só phrase situa-

ções varias que se chocam, tornando a phrase inintelligivel. Bühler denomina *construcções radicaes* certas phrases infantís em que ha um centro commum ao qual se prendem os demais elementos da phrase. Particularidade interessante dessas phrases organizadas pela justaposição de varios vocabulos é o emprego da negativa. É commum a criança exprimir a sua negação no fim da phrase: *bote a boneca na janella, não*. Para Stern ella emprega a negativa de duas maneiras: a principio por antithese, e por constatação de ausencia, depois: — *chapeu de papae, não de José; a boneca não tem pernas* (25).

A construcção de duas ou mais phrases para exprimir um certo acontecimento ou situação é feita de maneira collateral; as phrases são apenas justapostas e independentes umas das outras. Não ha nenhuma relação de subordinação: as particulas de relação serão empregadas mais tarde e representam um notavel progresso no desenvolvimento logico da criança. Aos quatro annos é que se torna possivel a construcção de phrases subordinadas, empregando então a criança palavras que exprimem relação de causa, de condição, de fim, as circumstancias de tempo, de lugar, de modo, etc.

Tem-se attribuido ao emprego do pronome *eu* uma importancia psychologica por ser o indicio do despertar da consciencia da propria personalidade. Essa interpretação já não é mais acceita. Muito antes do uso do pronome *eu* a criança mostra possuir conhecimento da sua individualidade: o emprego do proprio nome é a prova disso. Affirma Gaupp que “a transição do emprego do vocabulo *eu* é vagarosa, influindo nisto o habito de tratar-se a criança em terceira pessoa” (26).

### O vocabulario infantil.

A aquisição do vocabulario acompanha os tres estadios de evolução da observação. As palavras aprendidas primeiramente representam as cousas e os sêres — substantivos, depois os movimentos que elles executam — os verbos, por fim a relação entre as differentes cousas e sêres — as particulas de subordinação, de circumstancias, etc. Mas Bloch é de opinião que as palavras em certa phase de desenvolvimento da lingua-

gem, não podem ser classificadas rigorosamente como categorias grammaticaes (27). Ellas teem um valor indeterminado: não são nem substantivos, nem verbos. Com a organização da phrase é que se torna possível distinguir os substantivos com as suas flexões e os verbos.

Durante um certo tempo o vocabulario infantil permanecerá reduzido, adstricto á expressão das suas necessidades elementares; só quando os interesses infantís se ampliam é que o vocabulario tende igualmente a augmentar. Semelhante factó observamos nos desenhos desta epoca: certos typos de figuras são os unicos que a criança rabisca até sentir necessidade de novas expressões. Mas ao mesmo tempo que notamos a ampliação de seu vocabulario, a criança tende a realizar por si mesma uma selecção. A ampliação decorre da necessidade de exteriorizar factos que começa a descobrir e interesses novos: as palavras empregadas então pela criança muitas vezes são mal conhecidas por ella propria. Simultaneamente a criança vae pondo á margem as palavras mais antigas do seu vocabulario, isto é aquellas expressões reduplicadas e deformadas dos primeiros tempos de aquisição da linguagem. O curioso é que certas crianças utilizam um vocabulario duplo, constituido de termos velhos e novos para significar as mesmas cousas; mas acabam por dominar as de sentido mais preciso, que servem de instrumento de expressão da collectividade.

Muitos autores teem procurado determinar o numero de vocabulos que as crianças usam em cada idade. Gaupp não vê nenhuma importancia psychologica nesses estudos, uma vez que as influencias das differentes condições de meio e de educação não permitem uma generalização dos resultados (28). A determinação do inventario de palavras poderá apenas ter valor restricto ao desenvolvimento mental de cada individuo. Mas o estudo do vocabulario medio para cada idade tem uma importancia pedagogica indiscutivel, não só para se conservarem os mestres á altura da compreensão das crianças da sua classe, mas tambem e sobretudo como base para a feitura de livros de leitura infantil.

Os resultados a que teem chegado os investigadores são muito contraditorios; assim, as crianças observadas por Stern,

aos 2 annos, possuíam 300 palavras; as por Delville, 688; as por Major, 143; as por Grant, 828. Para A. Descoeurdes, cujo processo de investigação da linguagem infantil é o mais satisfactorio, são os seguintes os resultados aos 2 annos e meio e aos 7 annos e meio.

2 ½ — 360 palavras (meios pop.); 990 (meios abast.)

7 ½ — 2960 palavras (meios pop.); 3182 (meios abast.)

A grande difficuldade para apuração do vocabulario está na impossibilidade de o proprio individuo mencionar quaes as palavras que formam o seu acervo linguistico. Diz Vendryes que ha grande numero de palavras que nunca são empregadas e que entretanto fazem parte do vocabulario, uma vez que facilmente seriam comprehendidas quando ouvidas (29): são os vocabulos que se formam por prefixação e por analogias.

O Instituto de Psychologia de Pernambuco realizou experimentalmente o inventario das palavras usadas pelos escolares do Recife, á semelhança do que empreendera Daniel Prescott em Genebra. Consistiu o methodo em colher por associação livre, durante 15 minutos, as palavras que occorressem a cada criança. O criterio de Prescott falha por não permittir a determinação das palavras que são comprehendidas, mas simplesmente as recordadas em certo momento. O quadro abaixo dá o numero total das palavras associadas pelas crianças entre 7 e 14 annos, segundo a pesquisa mencionada (30):

<i>Idades</i>	<i>s. masc.</i>	<i>s. fem.</i>
7	1746	1599
8	2489	2723
9	3080	3721
10	3943	3957
11	4308	5033
12	4890	4718
13	5041	5705
14	4457	5850

A predominancia dos substantivos é notavel nas phrases das primeiras idades. Como vimos anteriormente, num certo momento as phrases só são formadas de substantivos. Os

vocabulos vão sendo introduzidos, a pouco e pouco, á medida que a criança passa da phase de substancia para as seguintes, de acção e de relação; mas com o decorrer dos annos e por influencia da escolaridade é que o vocabulario adquire precisão e estabilidade.

### REFERENCIAS BIBLIOGRAPHICAS

- 1 — K. Koffka — Bases de la evolucion psiquica (trad.). 1926 Madrid.
- 2, 3, 4, 5 — J. Piaget — Le langage et la pensée chez l'enfant. 1923. Paris.
- 6 — Head — Apud G. Dwelshauvers in *Traité de Psychologie*. 1928. Paris.
- 7, 10 — G. Compayré — La evolucion intelectual y moral del niño. (trad.). 1920. Madrid.
- 8, 11 — K. Bühler — El desarrollo espiritual del niño. (trad) 1934. Madrid.
- 9, 12 — Preyer — El alma del niño. (trad.). 1908 Madrid.
- 10, 18, 21, 22 — H. Delacroix — Le langage et la pensée. 1924. Paris.  
H. Delacroix — L'activité linguistique de l'enfant. *J. de psychologie*, Jan.-março. 1924. Paris.
- 14, 18 — M. Pavlovitch — Le langage enfantin. 1920. Paris.
- 15 — Jespersen — Langage. 1922. Londres.
- 16, 17 — Grammont — Apud H. Delacroix in op. cit.
- 19, 26 — W. Stern — Apud K. Bühler in op cit.
- 23 — Major — Apud K. Bühler in op. cit.
- 24, 27 — Bloch — La phrase dans le langage de l'enfant. *J. de Psychologie*, 1. 1924. Paris.
- 26, 28 — R. Gaupp — Psicología del niño (trad.) 1926 Barcelona.
- 29 — Vendryes — Apud H. Delacroix in op. cit.
- 30 — U. Pernambucano e A. Paes Barreto — Vocabulario das crianças das escolas primarias do Recife. *Arch. da Ass. a Psych. de Pernambuco*, n.º 1, 1931. Recife.

### RESUMO

1 — Entre 2 e 3 annos desenvolve-se de maneira surpreendente o aprendizado da linguagem articulada, graças a um subito desembaraço dos mecanismos neuro-musculares — é a phase denominada dos interesses glossicos.

2 — Para os *nativistas* a linguagem é considerada de origem instinctiva, patrimonio commum da humanidade; para os *empiristas* a linguagem é uma aquisição das primeiras idades, sujeita a influencias variaveis do meio e da imitação.

3 — Entre as duas theorias oppostas ha logar para uma terceira que considera a linguagem como uma actividade instinctiva



naquillo que diz respeito á necessidade de exprimir-se o individuo, mas sujeita ao mesmo tempo ás influencias do meio social.

4 — Piaget concebe a linguagem infantil em dois momentos differentes — a linguagem egocentrica e a socializada. Na phase egocentrica a criança não se preocupa em se fazer entendida; na phase socializada a linguagem é utilizada como um instrumento de comunicação.

5 — O funcionamento da linguagem exige uma organização neuro-muscular que se acha ainda muito longe de ser sufficientemente esclarecida. Segundo a theoria de Head os centros da linguagem são apenas centros de coordenação e não de funções especializadas.

6 — A primeira manifestação vocal da criança é o grito; é um acto puramente reflexo sem nenhuma relação com as necessidades primordiales e inteiramente despido de significação symbolica; mais tarde o grito transforma-se em symbolo de linguagem affectiva.

7 — Aos 2 ou 3 mezes a criança é capaz de balbuciar, isto é, de articular sons apparentemente inuteis. Julga-se entretanto que o balbucio é ao mesmo tempo uma manifestação de character affectivo e uma necessidade de expansão motriz.

8 — A phonetica infantil é regida pela lei da simplicidade e pela lei do menor esforço; pela primeira é regulado o phenomeno de escolha dos sons; pela segunda o phenomeno da reduplicação dos sons e da omissão dos phonemas complexos.

9 — Os elementos que a criança vae adquirindo durante o periodo do balbucio dependem de influencias exteriores; graças á imitação e ao jôgo a pronunciação tende a ser cada vez mais correcta.

10 — A palavra usada pela criança differe profundamente da do adulto não só pelo seu aspecto exterior, como pelo seu conteúdo; as deformações, as substituições, as suppressões constituem particularidades de forma; as palavras differem em sentido pela ausencia de valor designativo, pela representação syncretica e algumas vezes pela sua importancia magica.

11 — Aos poucos as palavras ganham em objectividade e perdem em significação pessoal. A criança descobre por si que cada cousa tem um nome: a criança passa do estadio affectivo para o estadio de intellectualização.

12 — Entre as palavras do vocabulario infantil umas são de origem desconhecida e parecem inventadas pela criança; outras são aprendidas para representar certos objectos mas são empregadas com uma extensão mais ampla; e ainda outras são constituídas por combinações de palavras já anteriormente adquiridas.

13 — A phrase não constitue propriamente um facto de importancia psychologica, visto como muito antes de empregar phrases com uma estrutura logica, a criança exprime por meio de palavras isoladas, intenções e situações complexas: é a palavra phrase.

14 — As primeiras phrases empregadas pela criança são formadas de uma só palavra — phrases univoculares; — com 1 anno e meio começa a organizar phrases com duas palavras; por fim as phrases são plurivoculares. A estrutura da phrase é de começo condensado, agglomerada depois e logica afinal. O substantivo é o elemento predominante da linguagem infantil.

15 — Os vocabulos vão sendo introduzidos na linguagem da criança, a pouco e pouco, á medida que ella passa da phase de substancia para as de acção e de relação; com o decorrer dos annos e por influencia da escolaridade é que o vocabulario adquire precisão e estabilidade.

## VOCABULARIO

**Analogia** — Identidade de relações entre dois ou mais factos.

**Aphasia** — Perda total ou parcial das funções da linguagem. Tem-se restringido o termo ás perturbações motrizes da linguagem.

**Articulação** — Função motriz que permite a emissão de sons da linguagem.

**Compreensão** — Função intellectual que consiste em aprender o significado dos symbolos.

**Conceitual** — Referente aos conceitos ou ás idéas.

**Cortical** — Zona que reveste exteriormente os hemispherios cerebraes.

**Empirista** — O que admite o empirismo, isto é, doutrina que considera o desenvolvimento individual tendo por

base os elementos da experiencia.

**Escolaridade** — Periodo de frequencia escolar.

**Imitação** — Reprodução consciente ou inconsciente do que se percebe anteriormente.

**Intellectualização** — Processo mental em virtude do qual se attribue um valor intellectual aos factos.

**Jôgo** — Actividade espontanea de satisfação immediata.

**Lalação** — Emissão indefinida de sons; o mesmo que balbucio.

**Magico** — Referente á magia — termo que exprime a tendencia primitiva em attribuir ás cousas um poder occulto e sobrenatural que se irradia sobre tudo.

**Mecanismo neuro-muscular** — Connexões nervosas que são

a base organica das actividades motrizes.

**Nativista** — O que admite o nativismo, isto é, doutrina que só reconhece no homem os poderes innatos.

**Onomatopéa** — Vocabulo ou vocabulos que reproduzem os sons naturaes.

**Phonema** — Elementos sonoros da linguagem.

**Phonetica** — Estudo da articulação dos sons.

**Receptivo** — Que possui a faculdade de receber, de assimilar.

**Reduplicação** — Termo reservado á linguagem das crianças e dos animaes, a qual consiste em emittir varias vezes sons identicos.